

FIOS DA INTROSPECÇÃO: PARA UMA LEITURA DO TERCEIRO ROMANCE DE LÚCIO CARDOSO¹

Flávia Trocoli Xavier da SILVA

RESUMO *Delinear uma leitura interpretativa do terceiro romance de Lúcio Cardoso (1912-1968), A luz no subsolo, 1936, é o escopo desta dissertação. Investigo quais seriam os apelos para que a crítica situasse Maleita, 1934, e Salgueiro, 1935, entre as manifestações regionalistas da década de 30. Simultaneamente, penso essas obras de acordo com os elementos que constituíram e categorizaram A luz no subsolo como romance introspectivo.*

O cotejo com A maçã no escuro, 1961, de Clarice Lispector, propõe o contorno de dois modos de observação da vida interior, isto é, distinguir dois significados para o signo “introspecção”. A introspecção cardosiana harmoniza-se consideravelmente ao ideário católico da década de 30: a confrontação com o pecado, o terreno relegado aos âmbitos da aparência e do falso, a secundarização do material lingüístico com ênfase vertida para o tema. Em contrapartida, a introspecção clariceana evoca um processo contínuo de transgressão tanto do código lingüístico como do código de conduta religioso. A escritura clariceana flagra a vida como tensão e jogo dos contrários, fundindo e confundindo a obliquidade imanente ao ser e ao dizer. Introspecção que desoculta a introversão do discurso sobre si mesmo.

SYNOPSIS *Mon mémoire contient une lecture du troisième roman de Lúcio Cardoso (1912-1968), A luz no subsolo, 1936. Tout d’abord, il est question de comprendre par quelles raisons la critique, en face de Maleita, 1934, et de Salgueiro, 1935, les a placés parmi les manifestations du régionalisme brésilien des années 1930. Je tâche de les mettre en rapport étroit avec A luz no subsolo, en dégagant certains de leurs éléments et préoccupations communs.*

Le parallèle, d’autre part, avec une oeuvre plus tardive, A maçã no escuro, 1961, de Clarice Lispector, permet de mieux dégager les divers sens de l’introspection

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Teoria Literária, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 19 de janeiro de 2000, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Dantas.

romanesque chez ces deux écrivains. L'introspection dans l'oeuvre de Cardoso peut être mise en rapport avec le mouvement catholique des années 1930: le face a face avec le péché, l'ici-bas considéré comme appartenant au domaine de l'apparence, la langue littéraire dépourvue de traitement stylistique plus approfondi. L'introspection dans l'oeuvre de Lispector, en revanche, se revêt d'une transgression ininterrompue du code linguistique, aussi bien que de conduit religieuse. Chez elle, l'écriture surprend la vie en tant que tension et jeu des contraires. Son écriture fonde le caractère oblique de l'être et du dire; il s'agit d'une introspection du discours sur lui-même.

1. DE A LUZ NO SUBSOLO A MALEITA

O título da dissertação, *Fios da introspecção*: para uma leitura do terceiro romance de Lúcio Cardoso, é referência direta ao escopo deste trabalho, isto é, uma interpretação de *A luz no subsolo*, 1936. A menção, “terceiro romance de Lúcio Cardoso”, não pertence aos domínios do acaso, mas implica ter como precedentes *Maleita*, 1934, e *Salgueiro*, 1935. Os dois primeiros romances vêm sendo considerados pela historiografia literária brasileira² como manifestações do romance de denúncia social em voga no decênio de 30, período este marcado por uma veemente tomada de consciência da situação e dos rumos políticos, sociais, culturais e religiosos do país³. Tanto *Maleita* e *Salgueiro* quanto o projeto ideológico no qual se insere Lúcio Cardoso são fios que, dispostos no tear, permitem uma outra visada sobre *A luz no subsolo*. Visada que o distancia da categorização de obra de ruptura com a vertente da prosa de denúncia social e de marco fundante da introspecção cardosiana.

Percepção, autoconsciência, isolamento, pecado, culpa, desespero, degeneração, verdade, morte e Deus configuram um campo semântico que, através de uma forma artística, aqui, a literária, delinea o mistério da interioridade humana em face de si mesma, do outro e de Deus. Enfocar a introspecção cardosiana à luz desse campo semântico significa estabelecer um fio de continuidade entre as três obras, cuidando para não reduzir os dois primeiros textos a rascunhos do terceiro.

Em *Maleita*, as temáticas circulam tanto pelo âmbito da problemática social, quanto pelo âmbito das grandes obsessões do autor vistas da perspectiva do narrador-protagonista: a cristianização, a destruição, o pecado e a morte. Já *Salgueiro* metaforiza no morro a realidade terrena como degenerada, enquanto a

² Refiro-me às obras de Alfredo Bosi e Wilson Martins, *História concisa da literatura brasileira e História da inteligência brasileira*, respectivamente. No entanto, críticos como Agripino Grieco, Oscar Mendes e Lúcia Miguel Pereira, acompanhando as publicações de 34 e 35 no calor da hora, apontaram as singularidades de *Maleita* e *Salgueiro* em relação às produções de cunho ostensivamente social.

³ Cf. CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

cidade seria o lugar do Deus e da redenção pessoal. *A luz no subsolo* é a hipertrofia do encontro hierárquico entre as dicotomias metafísico-cristãs: Bem e Mal, Essência e Aparência, etc. A vida terrena é vista como perpétua aniquilação para que enfim a morte seja possibilidade da Vida Verdadeira. Assim, vão sendo encontrados sustentáculos contrastivos entre dois modos de introspecção a serem aqui delineados, um representado pela poética de Lúcio Cardoso, outro pela poética de Clarice Lispector, que não transforma a realidade em mera aparência e sofrimento, privilegiando o movimento, e não a submissão, entre os pólos que, de opostos, se tornam complementares.

Não nos adiantemos. Começo por *Maleita*.

1.1 Em *Maleita*, o olhar civilizado enclausura

Maleita narra a fundação de Pirapora e enfoca sua gente miserável e “bárbara”, gente confinada pela ignorância e desgraçada pelas epidemias tropicais que assolam o povoado. A narrativa ambientada no sertão mineiro e o olhar do narrador-protagonista sobre a miséria parecem ter bastado para que a historiografia literária brasileira situasse *Maleita* entre os romances de denúncia social. Mas é pelo próprio olhar que início a refutação. Pois é o modo como o narrador-protagonista percebe o mundo circundante o principal responsável pela atmosfera de martírio, de enclausuramento e de destruição que emana da narrativa. A percepção está totalmente comprometida com a subjetividade.

As descrições de *Maleita* pouco se assemelham à minúcia de um narrador naturalista, na medida em que este almeja a representação do real pelo rigor e detalhe da descrição. Não se tem uma imagem definida do povoado, ele é apenas o horizonte circundante de quem o mira. Como Joaquim, aproximamo-nos e permanecemos no desconhecido. Em outras palavras, a circunscrição espacial advém da oposição entre o olhar civilizador e a situação de barbárie circundante.

Lúcio Cardoso vê, sente e quer o humano sob a condição da provação, dos humilhados e ofendidos. Mas, romancista dos extremos e exacerbações, não se contentará em expressar esse Brasil pobre e desolado que o fascina. Esta realidade, sob a sua pena, torna-se atmosfera de desgraça e de destruição através das doenças que assolam e isolam Pirapora. A *maleita* evidencia ainda mais o enclausuramento e a degradação; se vencem a doença, vencem a barbárie e a morte. O romance sintetiza a destruição, uma das mais recorrentes obsessões de Lúcio Cardoso.

Porém, antes da destruição final do povoado e da partida do narrador-protagonista, fora imprescindível disciplinar as festas orgíacas, vestir os negros, motivar o trabalho, incutir os sentimentos de dever, de castigo/culpa, de pecado. A consciência civilizadora do narrador-protagonista esteve sustentada pelos valores de ordem e cristianização. Logo, constata-se no primeiro romance de Lúcio Cardoso uma consonância com o pensamento católico de Alceu Amoroso Lima que estabelece a ligação indissolúvel entre o problema da religião e o problema da

nacionalidade, defendendo a proposta de uma recristianização total do país, conforme explicitado por João Luiz Lafetá⁴. Lembro, porém, que nem todo o percurso das idéias cardosianas se harmoniza com os ideais e valores firmados pela pena de Alceu Amoroso Lima (discussão que não cabe neste artigo).

Assim, em *Maleita*, uma das grandes tópicas cardosianas - o homem perante Deus - deve ser pensada nos seguintes termos: Deus é necessário ao povo de Pirapora, no sentido em que a aceitação de uma visão cristã de culpa e pecado poderia contribuir para a ordem necessária à sociedade pretendida pelo civilizador. Já em *Salgueiro*, Geraldo, o protagonista, põe-se em fuga quando passa a rejeitar a idéia de um Deus coletivo, o Deus do morro do Salgueiro - Deus que condena e castiga -, e pensa em um outro Deus, aquele que lhe aponta a redenção pessoal, representada pela saída concreta do morro. Esta saída através do sobrenatural é um dos indícios da predominância do confinamento subjetivo sobre o social. Vejamos como isto ocorre.

1.2 Em *Salgueiro*, a consciência salvadora

Antonio Candido, em “Degradação do espaço”⁵, reflete sobre a excursão, descrita em *L'assomoir*, de Zola, dos moradores de um bairro operário de Paris pelos “ambientes normais da civilização urbana”. O cartório, o Museu do Louvre, a coluna da Praça Vêndome, não barram ou expulsam os pobres, apenas revelam a impossibilidade de adequação. A conclusão a que chegaram Émile Zola, em *L'assomoir*, e Lúcio Cardoso, em *Salgueiro*, é parcialmente a mesma. O que os distancia são os procedimentos que os conduziram até ela. Zola experimenta suas personagens em outros meios, a impossibilidade foi argumentada, a exclusão é, definitivamente, social. Em *Salgueiro*, a cidade não aparece materialmente como contraste para o morro, a ênfase não recai sobre a condição social, mas sim sobre um argumento ligado à vida e à morte: “se quisessem fugir, sabiam que deveriam partir, mas ainda assim qualquer coisa os ligava ao morro. A saúde era fora, longe dali, mas eles pertenciam àquela espécie de morte”⁶. O que obseda Lúcio Cardoso não são os mecanismos sociais, é a inexplicabilidade das leis existenciais ou divinas que conduzem ou, no caso, paralisam o homem.

A capacidade de Geraldo de questionamento da referida inexplicabilidade é o que o distingue das demais personagens de *Salgueiro*. Neste romance, ao homem condenado pela miserabilidade da vida só resta a esperança no sobrenatural, na salvação pessoal. Deus ocupa o centro do debate, o que provoca a importante anotação de Lúcia Miguel Pereira, que considera *Salgueiro* o melhor romance

⁴ Cf.: LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

⁵ CANDIDO, Antonio. Degradação do espaço. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993, pp.55-94

⁶ CARDOSO, Lucio. *Salgueiro*: Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984, p.163.

publicado em 1935: “é um livro complexo, onde a presença do mistério, do sobrenatural introduz uma dimensão a mais. Uma dimensão que não estamos habituados a ver nos romances brasileiros. Apanha o homem na sua realidade completa, e não apenas na sua realidade visível.”⁷

Deus entra na vida do protagonista através de seu Valério. Da expiação a que fora condenado, seu Valério subtrai um Deus da promessa, o Deus do Sermão da Montanha. Verossimilmente, sua lógica resume-se aos seguintes termos: o mais miserável, o que sofrer mais, estará mais perto de Deus. Tal concepção será complementada pela de Vicente, o aleijado, que vai parar no morro após sofrer sucessivas desgraças tomadas por ele como castigo por um grande pecado. Erguidos, então, os pilares da construção de *A luz no subsolo* e das reflexões do *Diário completo*: a vida como o tempo de sacrifícios e a degeneração como porta única para Deus.

As palavras externas se internalizam e configuram o drama religioso de Geraldo. As vozes de seu Valério e de Vicente acabam por constituir a consciência do protagonista, e é justamente o fato de ser autoconsciente que o liberta do cárcere que é o morro. O desfecho de *Salgueiro* permite-me apontar um fator que será decisivo para a interpretação de *A luz no subsolo*: o percurso de angústia e de desespero pertinente às personagens cardosianas é ressignificado pela intervenção do narrador num final simbólico, em que prevalece a possibilidade de redenção pessoal metaforizada pelo, há muito convencional, clarear do dia.

2. A URDIDURA: O ESPIRITUALISMO CATÓLICO

É o próprio Lúcio Cardoso quem não vê para si nem para suas personagens outra condição senão a do “espinho cravado na carne de Kierkegaard”⁸. Se o problema fundamental para a filosofia kierkegaardiana gira em torno do embate entre fé e razão, Lúcio Cardoso o lê e o perspectiva através da questão da degradação e do pecado. Puxado um fio que perpassa *Maleita*, *Salgueiro* e *A luz no subsolo*, este é caracterizado pela intensificação da subjetividade através da consciência do pecado. Como se o autor em nenhum momento deixasse que suas personagens esquecessem as palavras de Kierkegaard “aí estás o que sabes de pior: a distância que estás da perfeição é que é o pecado”⁹. Neste fio transitem: Joaquim, de *Maleita*, Geraldo, de *Salgueiro*, Pedro, Madalena, Bernardo Emanuel de *A luz no subsolo*, todos mergulhados em si mesmos e em face de Deus. Deste modo, vou

⁷ PEREIRA, Lúcia Miguel. A favela verossímil de Lúcio Cardoso. In: *A leitora e seus personagens*. Rio de Janeiro: Graphia, 1992, p.96.

⁸ CARDOSO, Lúcio. *Diário completo*. Rio de Janeiro: José Olympio/INL, 1970, p.162.

⁹ KIERKEGAARD, Sören. *O desespero humano*. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p.394.

afastando o juízo crítico que confere a *A luz no subsolo* o papel de marco de uma nova fase da obra cardosiana, insulando *Maleita* e *Salgueiro* do restante da obra.

Não acho leviano arriscar que *Maleita* e *Salgueiro* teriam sido incluídos entre os romances de denúncia social por apresentarem a autoconsciência ainda em estado de intermitência, enquanto no romance de 36 explode um processo de hipertrofia do foco na análise de um eu encarcerado e desesperado. Introspecção exacerbada, deflagrando palavras atônitas de Mário de Andrade em carta de 1936 a Lúcio Cardoso:

Seu livro é um livro forte. Artisticamente me pareceu ruim. Socialmente me pareceu detestável. Mas compreendi perfeitamente a sua finalidade (no livro) de repor o espiritual dentro da materialística literatura de romance que estamos fazendo no Brasil agora. (...). Livro bom, livro ruim: sou incapaz de decidir. Mas é a abertura de uma coisa nova para nós, uma advertência forte, é incontestável.¹⁰

A relação dinâmica entre *A luz no subsolo* e o ideário católico de 30 leva-me a afirmar que o conteúdo mais latente do terceiro romance é uma apologia do espiritualismo católico através do prisma de onde Lúcio Cardoso o vê. No plano temático, tem-se a confrontação com o pecado, o elogio ao sofrimento, a passividade que adia para uma vida celeste a vontade e as possibilidades humanas, relegando ao terreno o que é da ordem da aparência, do falso; enquanto no plano formal ocorre a secundarização do material lingüístico, com ênfase vertida para o tema. Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, Otávio de Faria e Lúcio Cardoso são uníssonos ao louvar o descaso concernente ao material lingüístico; destaco Alceu Amoroso Lima: “Nada composto, nada preparado. A gente lê como se vivesse. [...]. Por isso, os romancistas profissionais e os críticos acadêmicos achariam mil coisinhas a dizer. Mas a mim, o que agrada na literatura, são essas obras arrancadas do fundo da vida.”¹¹

No âmbito da prosa ficcional católica, foram meus contrapontos dois romances: *Le désespéré*, 1886, do católico francês Léon Bloy, e *Aevum*, 1928, de Jackson de Figueiredo. Se, no que tange à temática, eles são profundamente semelhantes, no aspecto formal, constata-se que Lúcio Cardoso obteve mais êxito justamente na consubstanciação entre a idéia e a forma, sem que, contudo, *A luz no subsolo* resultasse num texto bem solucionado. Em *Le désespéré* e em *Aevum*, o tom de perturbação localiza-se no tema, mas não atinge a técnica discursiva. Lúcio vai um pouco mais além e, fragmentando seu texto em estados diferentes de consciência como a alucinação, o pesadelo, a rememoração, consegue um tom de perturbação

¹⁰ Carta de Mário de Andrade a Lúcio Cardoso, a 20 de agosto de 1936. Documento consultado no Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa.

¹¹ In: FIGUEIREDO, Jackson. *Aevum*. Prefácio de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d, p.19.

em que forma e conteúdo dialogam com mais vigor (A relação entre os três autores católicos foi explorada mais detidamente na dissertação.).

Olhar longamente *A luz no subsolo*, enquanto narrativa que articula inserção ideológica e material lingüístico, é enxergar seu multifacetamento: entre a proposta de inovação e o conservadorismo. A carta de Mário de Andrade é o melhor documento para a configuração da tensão. A “intencionalidade ostensiva” apontada pelo autor de *Macunaíma* caracteriza amplamente um texto que deixa muito a desejar na sua tentativa de consubstanciação entre forma e conteúdo, tangenciando o gênero folhetinesco e levando-nos a cogitar o seu enquadramento no *kitsch*¹². No entanto, é o mesmo texto que atordoa o leitor pouco ingênuo chamado Mário de Andrade, afastando o caráter apaziguador do *kitsch* como arte da “amena facilidade”, da “indolência” e do “entorpecimento”. A proposta de inovação vem paradoxalmente fundida ao conservadorismo do pensamento católico que secundariza o tratamento da forma.

A raridade e dificuldade de realização do romance introspectivo no Brasil era preocupação não só de Mário de Andrade em 1936, conforme o revelado na sua carta a Lúcio, mas também de Machado de Assis em 1873: “Do romance puramente de análise, raríssimo exemplar temos, ou porque a nossa índole não nos chame para aí, ou porque seja esta casta de obras ainda incompatível com a nossa adolescência literária”¹³. Anos mais tarde, o “raríssimo romance de análise” confirmaria sua maturidade, anacronicamente alcançada pelo próprio Machado, na escritura de Clarice Lispector.

3. O EU DE A LUZ NO SUBSOLO E SER E TECER EM A MAÇÃ NO ESCURO

O delinear do que chamo introspecção cardosiana se deu na e através da relação com *A maçã no escuro* de Clarice Lispector, 1961. O cotejo entre Lúcio e Clarice revela a plurissignificação do que se denomina literatura introspectiva brasileira.

Os traços metafísicos da poética clariceana, que são germinais em *Perto do coração selvagem*, 1944, estão mais contundentes em *A maçã no escuro*, a começar pelo próprio título. *O escuro* é “um elemento em que a vida por se tornar estranha,

¹² Defino o termo de acordo com Anatol Rosenfeld quanto ao “sentimentalismo”, a “falta de economia no pormenor lingüístico”, a simplificação grosseira das “situações humanas, reduzindo-as às possibilidades extremas”, o aspecto “caricato”, a tematização dos “valores consagrados (amor, sentimentos sociais, religião, nacionalismo, moral)”. ROSENFELD, Anatol. No reino da pseudo arte e “Kitsch: pró e contra”. In: *Texto e contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

¹³ ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Instinto de nacionalidade. In: *Obras completas*. Volume III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1994, p.805.

era reconhecível”, ou seja, o escuro torna-se luminoso. (A latência das coisas é a morada de Martim). A noite é o lugar do des-cobrimto, do luzir, do mostrar-se.

Feita esta consideração, não se pode deixar de ressaltar a renovação metafísica operada em *A maçã no escuro*. A imagem da caverna platônica e a tradição que a seguiu (neste rastro, *A luz no subsolo*) tornou convencional, diria até corriqueira, a associação do saber à luz, da ignorância às trevas. Clarice como que supera (etimologicamente: considerar e ir adiante) essa tradição e estabelece o jogo de latência entre os pólos dicotômicos: o escuro torna-se possibilidade de des-cobrimto luminoso-iluminador, a ignorância torna-se possibilidade de um outro saber, não conceitual, não calculável, não previsível, saber sensível, fulguração terrena!

Através do crime do protagonista de *A maçã no escuro*, a introspecção clariceana evoca um processo contínuo de transgressão tanto do código lingüístico como do código de conduta moral e religioso, a escritura flagra a vida como tensão e jogo dos contrários. A escritura clariceana funde e confunde a obliquidade imanente ao ser e ao dizer. A linguagem como criação e escopo, em Clarice, e não como veículo, em Lúcio, é o que diferencia obras tão próximas como *A maçã no escuro*, 1961(!), e *Crônica da casa assassinada*, 1959(!). A sofisticação formal e a adequação ao seu conteúdo são aqui reconhecidas e admiradas, sem que no entanto figure em 1959 uma transgressão do código lingüístico. Ou seja, como de *A luz no subsolo* até *Crônica da casa assassinada* não houve uma virada que colocasse o problema lingüístico em foco e as semelhanças metafísico-religiosas foram resguardadas, acredito que a anacronia entre *A luz no subsolo* e *A maçã no escuro* não prejudicou a comparação.

O terceiro romance de Lúcio Cardoso é como que perpassado pela linha platônica em suas dicotomias fundamentais: Bem e Mal, Essência e Aparência, Verdade e Mentira, Pureza e Impureza, contudo a última voz que soa em *A luz no subsolo*, elocubrando sobre a restauração à Unidade Perdida, acentua tais dicotomias no plano religioso. É preciso sublinhar que a imagem da linha traçada pela filosofia vem obviamente transfigurada pela singularidade da “concepção de mundo” do artista e pela pena do escritor católico, para quem a vida terrena é um “contínuo e tremendo aniquilamento” e a vida verdadeira está além e muito acima de nós. O enclausuramento das personagens pela realidade do subsolo configura-se a partir dos elementos pertencentes ao segundo pólo dicotômico: mal, vida, aparência, falta, impureza, pecado, finitude.

Como contraponto, o universo clariceano de *A maçã no escuro* é marcado pelo movimento em que um pólo não garante sua existência sozinho, existe somente e na relação com o outro. Ao invés do desprezo pela vida terrena existe o desejo de afirmação, de adesão. Ao invés do ideal abstrato, Clarice quer “o mais áspero e mais difícil”, Clarice quer o terreno. E não é somente no plano filosófico que se firmam os contrastes entre as poéticas em foco. Já foi defendido que a urdidura de *A luz no subsolo* é o espiritualismo católico; neste momento gostaria de fazer minhas as

palavras de Lucia Helena que, talvez seguindo os passos de Motta Pessanha, indica os traços profanos da narrativa de 1961:

A maçã no escuro inicia o leitor numa espécie de humilde e precioso saber do qual apenas se pode apossar após abdicar da ânsia grandiosa do absoluto. Longe de ser uma obra que reduplique o anúncio cristão da salvação, *A maçã no escuro* nos faz ingressar num batismo novo e profano, talvez única redenção possível: aceitar o limite do precário. [...] Sem repetir o *Gênesis*, nem o triângulo fundador de Adão, Eva e a maçã, mas aludindo-os; sem repetir a história do paraíso perdido, com que no entanto dialoga; e, ainda, sem repetir a angústia de uma culpa definitivamente maculadora da luminosidade plena, a narrativa de Clarice reescreve a criação. Mas esta é uma gênese de gente. Uma gênese de seres rasteiros, capazes de ódios, crimes, animalidade e pequenez, seres perdidos na ânsia de se encontrarem.¹⁴

O crime cometido pelo protagonista, Martim, não implica para o personagem qualquer noção de culpabilidade, nem jurídica, nem religiosa, nem moral; o ato criminoso é amplamente ressignificado. A grande cólera de Martim é exercício de vontade. O “dizer Sim” situa Martim não só perto do *amor fati*¹⁵ nietzscheano, mas também perto do *coração selvagem da vida*, onde está Joana:

Não, não, nenhum Deus, quero estar só. E um dia virá, sim, um dia virá em mim a capacidade tão vermelha e afirmativa quanto clara e suave, um dia o que eu fizer será cegamente seguramente inconsciente, [...], sobretudo um dia virá em que todo movimento será criação, nascimento, eu romperei todos os nãos que existem dentro de mim.[...]¹⁶

Em *A luz no subsolo*, o crime que Pedro comete ou aquele que ele induz nada tem a ver com a destruição criadora de Martim, há sim uma espécie de sadismo doentio, uma vontade de propagar a destruição como perpétua negação ou como confirmação da vida terrestre como castigo.

Martim destrói e esquece o mundo da idealidade e da abstração para afirmar o movimento do real; Pedro lembra e nega o real, difama a vida, em nome da

¹⁴ HELENA, Lucia. De gênese e de gente: a luminosidade no escuro. In: LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. 8.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992, p.4.

¹⁵ Segundo Roberto Machado esta expressão aparece em dois momentos, no quarto livro de *A gaia ciência* e em *Ecce Homo*. No primeiro livro sob a seguinte forma: “*Amor fati*: seja esse de agora em diante o meu amor. Não farei guerra ao feio; não acusarei, nem mesmo os acusadores. *Desviar o olhar*: seja essa minha única negação! Em suma: quero, a partir de agora ser somente adesão.” E no segundo: “nada querer diferente, seja para trás, seja para a frente, seja em toda a eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo - todo idealismo é hipocrisia diante do necessário - mas *amá-lo*” (grifos do Nietzsche). Ou ainda na formulação deleuzeana: “Devemos portanto conceder a maior importância à seguinte conclusão: o par causalidade-finalidade, probabilidade, a oposição e a síntese desses termos são substituídos por Nietzsche pela correlação dionisíaca acaso-necessidade, pelo par dionisíaco acaso-destino. Não uma probabilidade repartida em muitas vezes, mas todo o acaso em uma só vez; não uma combinação final desejada, querida, aspirada, mas a combinação fatal, fatal e amada, o *amor fati*” (grifo do autor) In: DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Coleção Semeion 4. Rio de Janeiro, Rio, s/d. pp.22-3.

¹⁶ LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.201.

degradação que é condição para o absoluto, para Deus, para a vida verdadeira. Sublinho: Pedro é redutor enquanto Martim é amplificador.

A principal vítima do caráter redutor de Pedro é sua esposa Madalena. O perfil que Madalena traçou para si mesma é a reação aos gestos de Pedro. A força dele faz com que ela creia que seu destino é um destino maculado pelo sacrifício, pela renúncia de seus desejos. Madalena é aquela que carece, seu Tempo é o instante do que não se realizou. Pedro é a memória viva da realidade do subsolo como castigo. E o que Nietzsche aponta como *efeito* do castigo corresponde integralmente aos pensamentos e aos gestos de Madalena:

numa intensificação da prudência, num alargamento da memória, numa vontade de pensar e agir de maneira mais cauta, desconfiada e sigilosa, na percepção de ser demasiado fraco para muitas coisas, numa melhoria da faculdade de julgar a si próprio. O que em geral se consegue com o castigo, em homens e animais, é o acréscimo da prudência, o controle dos desejos[...].¹⁷

Madalena apologiza o sofrimento cristão intensamente perseguido pela pessoa e pela obra de Lúcio Cardoso.

Considerar o pensamento católico e seu caráter profundamente moralizante urdidura do texto de *A luz no subsolo* implica marcar também diferenças formais entre Lúcio Cardoso e Clarice Lispector. A primeira delas diz respeito à questão fulcral do narrador. O de *A luz no subsolo* é onisciente: analisa, distende e, nas últimas páginas, sugere um significado, moraliza; o de *A maçã no escuro* caracteriza-se pela perda da onisciência: vacila, duvida, joga e ironiza para dessacralizar e desalienar. É a ironia clariceana constitui mais um contraponto para o pesadume e a seriedade da moral cardosiana. Moral desdobrada em situações e cenas grandiloqüentes, escandalosas, dramáticas.

O percurso delineado teve como intenção primeira distinguir no próprio entrelaçamento duas tessituras: a introspecção de Lúcio perpassando seus três primeiros textos e a introspecção de Clarice em seu texto mais emaranhado: *A maçã no escuro*. Em *A luz no subsolo*, o homem em face do pecado e da morte é a problemática central, enquanto em *A maçã no escuro*, fundido à problemática do herói, está o impasse do narrar: (o) ser de Martim atrelado (ao) ser do fazer literário.

Le *A maçã no escuro* é testemunhar (co-participando ao lado de Martim e do narrador) o movimento instável de, no escuro, pegar uma maçã como movimento da narrativa que, lembrando as palavras de Lúcio sobre Clarice, esburaca o túnel e dá-nos a coisa no domínio do secreto e da surpresa, que é a maneira de perceber a coisa re-velada sem analisá-la, sem justificá-la: a própria maçã no escuro.

Le *A luz no subsolo* é estar preso num escuro labirinto construído de palavras, embora elas não estejam nem no seu centro, nem na sua saída. Nem são por elas que

¹⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral - uma polêmica*. Tradução, notas e pós-fácio: Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.72

agonizamos entre os corredores. Erramos entre as paredes de um Eu Desesperado em face da possibilidade de Deus; Eu-Labirinto cujo centro ansiado chama-se luz, morte.

Repousa, intranqüilamente, na indagação do diário de André (primeiro parágrafo de *Crônica da casa assassinada*), a indagação do autor, a presença integral da problemática do terceiro romance de Lúcio Cardoso:

[...] Que é, meu Deus, o para sempre – o eco duro e pomposo dessa expressão ecoando através dos despovoados corredores da alma -, o para sempre que na verdade nada significa, e nem mesmo é um átimo visível no instante que o supomos, e no entanto é o nosso único bem, porque a única coisa definitiva no parco vocabulário de nossas possibilidades terrenas...¹⁸

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. (1994). Instinto de nacionalidade (24-03-1873). In: *Obras completas*. Volume III. Rio de Janeiro: Nova Aguillar.
- BLOY, Léon. (1946). *Le désespéré*. Paris: Mercure de France.
- BOSI, Alfredo. (1975). *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, pp.464-7.
- CANDIDO, Antonio. (1993). *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades.
_____. (1987). *A educação pela noite e outros ensaios*. 2ª ed. São Paulo: Ática.
- CARDOSO, Lucio. (1974). *Maleita*. (1934). 3. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL.
_____. (1984). *Salgueiro*. (1935). Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL.
_____. (1936). *A luz no subsolo*. (1936). Rio de Janeiro: José Olympio.
- CARELLI, Mario. (1988). *Corcel de fogo: vida e obra de Lúcio Cardoso (1912-1968)*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Coleção Semeion 4. Tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffilly. Rio de Janeiro: Rio, s/d.
- FIGUEIREDO, Jackson de. *Aevum*. Prefácio de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. s/d.
- GRIECO, Agrippino. (1948). De Raquel de Queiroz a Moacir Andrade. *Gente nova do Brasil*. 2ª ed. revista. Rio de Janeiro: José Olympio, pp.39-67.
- KIERKEGAARD, Sören. (1984). O desespero humano (1849). Tradução de Adolfo Casais Monteiro. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- LAFETÁ, João Luiz. (1974). *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades.

¹⁸ CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979, p.9.

- LISPECTOR, Clarice. (1998). *Perto do coração selvagem*. (1944). Rio de Janeiro: Rocco.
- _____. (1992). *A maçã no escuro*. (1961). 8. ed. Apresentação de Lucia Helena. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- MACHADO, Roberto. (1997). *Zaratustra, tragédia nietzscheana*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- MARTINS, Wilson. (1979). *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix/ Edusp.
- MENDES, Oscar. (1982). *Seara de romances*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, pp.309-17.
- MEYER, Marlyse. (1996). *Folhetim*. São Paulo: Companhia das Letras.
- NIETZSCHE, Friedrich. (1998). *A genealogia da moral – uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César. São Paulo: Companhia das Letras.
- PEREIRA, Lucia Miguel. (1992). A favela verossímil de Lúcio Cardoso. In: *A leitora e seus personagens*. Rio de Janeiro: Graphia, pp.94-8.
- ROSENFELD, Anatol. (1996). *Texto e contexto*. São Paulo: Perspectiva.